

Espaços e Paisagens

*Antiguidade Clássica
e Heranças Contemporâneas*

Vol. III

**Francisco Oliveira, Jorge Oliveira
e Manuel Patrício**

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

DA SCALLABIS ROMANA A SANCTAREN MEDIEVAL: ESPAÇO, GENTES E LENDAS

LINA MARIA SOARES

Universidade Nova de Lisboa / CEIL-IELT

Abstract

When the Romans conquered Lusitania they divided it into *conventi iuridici*, one of them being *conventus scallabitanus*, where Scallabis was the name given to the territory which today is the municipality of Santarém. Under Visigoth rule, the worship of a martyr – Iria or Irene – changed the name of the town to Chantirene, a name which the Moors maintained (Xantarin) and when the Charter was given to the municipality in 1179, King Afonso I had the following written: *ego Alfonsus (...) per uigili astucia mei et meorum hominum opidum sanctaren sarracenis abstuli*. What reasons would have had these peoples to covet this territory? The place of bloody fights that required so much effort from the first Portuguese king, it was only thanks to his cunningness and that of his men that he was able to permanently reconquer this territory. Could it be because of the fields rich in crops and pastures, fertilized by the floods of the Tejo, like the River Nile or because of the legends and mysteries that have led poets and chroniclers, throughout the centuries, to describe this territory as a place of delights?

Keywords: Abidis, cult, Iria, Santarem

Palavras-chave: Ábidis, culto, Iria, Santarém

Seguindo o percurso do herói de Homero que, depois de aportar naquela a que daria o nome de Lisboa, subiu o Tejo, vamos encontrar um outro local que igualmente o encantou, numa das margens verdejantes do rio, que é hoje a cidade de Santarém. Aí encontramos os nomes Ábidis e Iria entre pastelarias ou hotéis, figuras lendárias da fundação da cidade e que se tornaram protagonistas de crónicas, cancioneiros e romances de inúmeros autores ao longo dos séculos. Eis, pois, Santarém, majestosa na sua fértil planície, encimada pela urbe ameiada, onde o olhar se maravilha perante os domínios férteis de vinhas e pastagens deste rio que nos lembra o Nilo, o que contribuiu, sem dúvida, para que esta terra tenha sido tão cobiçada pelos diversos povos que a conheceram.

No século XVII, Manuel de Sousa Coutinho, na sua *História de São Domingos*, já referia o rio “que fertiliza com suas enchentes, como faz ao Egipto o seu Nilo (...) pelos montes se vêem infinitas quintas (...) cercadas de vinhas, e pomares, e hortas, regadas de fontes e arroios de águas excelentes”¹. Almeida Garrett, nas *Viagens*, classifica esta paisagem como “um dos mais

¹ Virgílio Arruda 1999 16.

belos panoramas do mundo (...) o Tejo, suas ilhotas e areais morenos (...) prados esmeraldinos (...) a planura branca das águas”. Talvez tenham sido estas margens do Tejo que, no século XII, inspiraram Ibn Sara, natural de Santarém, no poema:

*Leva-nos uma barca,
Qual jovem grávida,
A vela panda na viração ligeira,*

*Sobre um rio:
Espelho puro como o paraíso
Onde se reflecte a face imperscrutável do céu².*

O geógrafo Estrabão, no século I, já descrevia a lezíria como rica em cereais, vinha e azeite, referindo a existência de ouro nas areias do Tejo³.

Avieno, no século IV, na Ora Marítima, refere o ocidente da Ibéria como a região de Ofiusa, habitada pelos Sepes, entre o Douro e o Tejo; os Cempses e os Cinetes, entre o Tejo, o Guadiana e o mar; e os Lígures ou Lucis, ao norte e litoral do Douro. A Ibéria adopta este nome a partir do século III a.c., em que aparecem as primeiras referências aos Lusitanos, povos pré-célticos aparentados com os Iberos⁴.

Quando os romanos conquistaram a Península Ibérica, dividiram-na em três províncias: a Bética, a Citerior ou Tarraconense e a Lusitânia (esta compreendendo a área entre o Douro e o Guadiana)⁵. Por sua vez, esta última dividiram-na em *conventus* jurídicos, sendo um deles o *conventus scallabitanus*, região que comportaria a actual Santarém, designada por *Scallabis Praesidium Iulium* ou *Scallabicastrum*. Pensa-se que a origem deste topónimo esteja relacionada com a lenda de Ábidis (“Esca Ábidis”, que significa o manjar de Ábidis).

A lenda, sobejamente estudada por vários autores, refere-nos a passagem de Ulisses por esta região, onde se apaixona por Calipso, que a versão portuguesa diz ser filha de Gargoris⁶, o rei Melícola, provavelmente ligado à grande produção de mel, que seria fonte de riqueza nas margens do Tejo⁷. Tal como na lenda da fundação de Lisboa, Ulisses permanece alguns anos na região, e do relacionamento amoroso com Calipso, nasce Ábidis. A criação é

² Adalberto Alves 1991.

³ www.ipa.min-cultura.pt/pubs/TA/folder/26/017.pdf.

⁴ João de Barros 1952.

⁵ C. Guardado da Silva 2004.

⁶ [descargas.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/Biblioteca Real, Libro primero de los Anales de España reducidos a Epítome](http://descargas.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/BibliotecaReal/Libro%20primero%20de%20los%20Anales%20de%20Espana%20reducidos%20a%20Epitome): Túbal, o primeiro monarca de Espanha; Gargoris II, monarca 24º de Espanha, avô de Abides (1188 a.c.).

⁷ Fernandes Hermenegildo 1986: “Nas zonas de Almada e Palmela abundam o mel e a caça (Idrisi, 1165)”.

rejeitada pelo avô, que ordena que a ponham numa cesta, à deriva, no Tejo, à semelhança do mito bíblico de Moisés. A cesta encalha numa das margens do rio e a criança sobrevive, é alimentada por uma corça, cresce e torna-se num jovem guerreiro, mais tarde rei e fundador da localidade, lembrando-nos o mito de fundação de Roma, em que os gémeos são alimentados igualmente por uma fêmea selvagem, neste caso tratando-se de uma loba.

Decerto que o imaginário dos soldados de Roma não seria muito diferente do dos povos da Península, igualmente recheado de lendas e mitos, deuses e heróis. Se os romanos importaram os seus deuses, não aboliram os cultos já existentes nas terras que iam conquistando, antes adoptavam as divindades, mudavam-lhes os nomes, mas mantendo as características dos cultos⁸. Assim, as deidades cultuadas junto de rios e nascentes, deuses de fertilidade relacionados com as cheias dos rios, com o ciclo da Natureza, ou com os ciclos lunares, não teriam sofrido alterações. Até porque, e citando José d'Encarnação, “os povos do Norte e Centro de Portugal resistiram longamente à influência da religião romana”⁹.

Os Lusitanos, que viviam essencialmente da pastorícia e agricultura e habitavam em castros, prestavam culto ao deus Endovélico, de carácter ctónico e profético, de que ainda restam vestígios no santuário de S. Miguel da Mota, no Alentejo. Mas de cultos de outras deidades indígenas existem igualmente vestígios na Península, como é o caso de Ataegina, deusa ctónica da fertilidade e do renascimento, em santuários no Alentejo e na Estremadura espanhola. O que algumas vezes constatamos é determinada divindade, de que há referências documentais a localizá-la numa dada região, surgir numa outra, por vezes bastante distante.

Blázquez refere o caso de um soldado da legião VII das tropas de Adriano, que traz o culto de Conventina ou Coventene quando regressa à Galiza, tratando-se de uma ninfa venerada junto de uma fonte, em terreno que é actualmente a quinta Carragwburgh, na Grã-Bretanha, culto que provavelmente se terá estendido a outras regiões do território¹⁰. E, como afirma José d'Encarnação, “Admite-se, portanto, que o natural de uma região possa cultuar noutra o deus da sua terra”¹¹.

Se a ocupação romana de Santarém se fez sentir entre meados do século II a.c. e o século VI, é natural que o panteão divino se tivesse mesclado de deidades pré-romanas, romanas pagãs e romanas cristãs. Assim se explicaria a semelhança entre cultos pré-cristãos, por exemplo ligados a rios e fontes, e

⁸ João de Barros 1952 54: “Entram no culto dos naturais as divindades romanas (...) Atégina é a deusa da fertilidade”.

⁹ J. d'Encarnação 1975.

¹⁰ J. M. Blázquez 1983.

¹¹ J. d'Encarnação 1975 301.

cultos cristãos com capelas, igrejas e mosteiros construídos, na maior parte das vezes, sobre antigos templos, anteriores ao cristianismo.

Nabia ou Navia, deusa aquática adorada na Lusitânia, parece ter sido cultuada a 5 de Abril, segundo a inscrição numa ara de Marecos¹² e surge relacionada com nomes de rios e de localidades próximas de ribeiras e nascentes. São exemplos os rios Nábios, Neiva e mesmo Nabia¹³, ou a vila de Nava, na Galiza; Nabais e Nabainhos, na Serra da Estrela; Naves, povoação próxima de Envendos, região de nascentes e barragens; ou o rio Nabão, que deu origem a Nabância, a 2 km do que é hoje Tomar. Em Braga, a milenar Fonte do Ídolo, que secou há bem pouco tempo, tem uma pedra com a inscrição “Tongoe Nabiago” que algumas versões apontam como um juramento a Nabia.

Entre Tomar e Santarém, vários rios e ribeiras confluem, o Nabão com o Zêzere, e este com o Tejo, além dos pequenos cursos de água que desagüam nestes três rios, revelando-se uma região bastante fértil, propensa à adoração de deuses aquáticos ou de deusas-mães, como Nabicca, outro teónimo que se pensa igualmente relacionado com a fertilidade da Natureza.

Segundo a lenda de Santa Iria, em 653, quando a jovem professa rezava próximo de Tomar, numa capela situada na margem do Nabão, terá sido morta e lançada ao rio, vindo o corpo a navegar até Santarém. Tratar-se-ia de uma freira do convento beneditino fundado em 640 por S. Frutuoso, bispo de Braga, na margem do Nabão? Ou, de facto, nunca passara de uma lenda incomprovada?

A poucos quilómetros de Tomar, e não longe do rio, há uma povoação que tomou o nome de uma santa, igualmente assassinada e atirada ao Nabão. Trata-se de Santa Cita, uma jovem freira, de época muito anterior à da outra mártir.

Poder-se-ia aceitar, inquestionavelmente, a existência destas duas virgens do martirologio cristão, como santas portuguesas, se não fossem as suas homónimas de regiões distantes com semelhante percurso hagiográfico. Pululam as santas Irena ou Irina, bizantina, grega e romana. Se atentarmos na *Vitae* de Santa Irina de Magedon, nas Balcãs, que a situa no ano de 305 e aponta o seu culto para o dia 5 de Abril (e aqui saliente-se a curiosa coincidência com a data do culto a Nabia, inscrita na ara de Marecos), constatamos que a santa, depois de torturada, é fechada num túmulo, e ao cabo de uns dias, quando o abrem, o corpo terá desaparecido, o que se torna uma situação muito idêntica ao da Iria peninsular!

Se pensarmos que os Godos no século V dominam todo o território que pertencera ao império romano do Ocidente, não recusamos a hipótese de o culto de uma santa bizantina ter chegado até nós e se ter imiscuído fortemente,

¹² <http://groups.msn.com/HISPANIADEORVM/nabia.msnw>.

¹³ J. M. Blázquez 1983 294: “El rio Nabia gozó de gran culto, a juzgar por el número de dedicatorias. Nabia es palabra que indica corriente de agua y que aparece con diferentes denominaciones”.

sob o comando de Rocesvindo, de tal forma que Scallabis tomou o nome de Chantirene.

Com o avanço dos povos visigóticos, a geografia dos grandes centros urbanos vai-se alterando, florescendo uns, enquanto outros, devido a guerras e saques, tendem a desaparecer. No século IV, Roma deixa de ser a capital do Império para ceder o lugar a Constantinopla, que se torna um grande porto. A partir do século VIII, com as invasões árabes, os grandes portos, como Marselha, ficam desertos. Segundo Pirenne, “No século IX, a Provença, outrora a região mais rica da Gália, tornara-se a mais pobre”¹⁴. Nasce então as cidades com função protectora das populações contra possíveis invasores. Na Península Ibérica, palco de lutas constantes entre cristãos e muçulmanos, as cidades são fortificadas — com a designação de *oppidum* ou *castrum* — guardadas por cavaleiros, uma espécie de guarda permanente, ficando os que trabalham nas terras, no exterior. Em caso de guerra, toda a população se refugia no seu interior.

Os mercadores aumentam o seu poder económico, começam a fixar-se no interior das muralhas, cresce o comércio, incrementam-se as indústrias de olaria, de têxteis, de couros. A Santarém muçulmana (Xantarín) prospera, cobiçada por Afonso Henriques, e que com a “astúcia” dele e dos seus homens a tomará de assalto, como ele próprio afirma na sua carta de foro de 1179¹⁵.

A cidade escalabitana reconquistada pelos cristãos passa a chamar-se *Sanctaren*, e vê a necessidade, como em outras urbes reconquistadas, de reforçar a organização administrativa, dar autonomia comunal com costumes e privilégios. No mercado semanal, os camponeses dos arredores trazem os seus produtos para vender; há que se criar impostos (a portagem) para os produtos que entram e os que saem. Nobres e burgueses reagem ao poder autoritário dos bispos, tornam-se mais místicos, contribuem para a fundação de mosteiros e hospitais dos Mendicantes e dos Pregadores. Os monjes não são mais os que vivem em locais ermos, constroem mosteiros e igrejas ao longo das ruas, dentro das muralhas, e tornam-se os directores espirituais da população. Há que reforçar os cultos cristãos face aos sarracenos; as relíquias de santos e os milagres proliferam; no *scriptorium* dos mosteiros copiam-se bíblias, hagiografias, *exempla* e crónicas. Nestas últimas, além das regras e vidas dos fundadores das Ordens, ensinam-se comportamentos morais e espirituais, condenam-se determinadas atitudes e faz-se a apologia de outras. Cite-se como exemplo, uma situação ocorrida em Santarém durante o reinado de D. Dinis, referida na *Crónica dos Gerais da Ordem dos Frades Menores*¹⁶: “era hua molher muy pecador assombrada do diabo (...) espirando-lhe que se matasse ‘se te fores ao rio, que chamam Tejo, e te lançares em ele’ (...) E ela

¹⁴ Henry Pirenne 1977 29.

¹⁵ Lina Soares 2005 113: “Eu affonso polo sancto catameto. Rey do portugal per trabalho do corpo e per uulgaui arteirice minha e dos meus homéés O Castello de sanctare aos mouros tolhy e elle entreyey ao sacrificio de deus e a uos meus homéés e vassalos e criados pera morar per deryto d’erdade dey”.

¹⁶ Estudo e Edição Crítica, minha dissertação de Doutoramento em preparação.

confessou-se com contrição e lágrimas devotamente (...) por vinte anos viveo em santa conversação e acabou em paz os seus dias”. Parece-nos que o lançar-se ao rio Tejo continua, em testemunhos dos finais do século XIII, a ser uma prática sacrificial comum. E é curiosamente no tempo deste mesmo rei que, segundo a lenda, as águas do Tejo se abrem para mostrar o túmulo de mármore de Iria à rainha santa, que lhe rezava na margem, no local onde tinha aparecido outrora o corpo da mártir, e que, de novo, desaparece sob as águas do rio, tal como no culto bizantino de Santa Irena, cujo corpo nunca fora encontrado. Aliás, é provável que a rainha D. Isabel tivesse conhecimento desse culto, dada a sua proximidade com uma das suas aias, a princesa bizantina D. Vataça.

Para que o culto se perpetuasse, mandaria o rei erigir nesse mesmo sítio um padrão com uma imagem da santa nabantina, que viria a ser restaurado no século XVIII, apresentando a forma actual.

Bibliografia

- Adalberto Alves (1991), *O meu coração é árabe*. Lisboa, Assírio & Alvim.
- Virgílio Arruda (1999), *Santarém no Tempo*. Câmara Municipal de Santarém.
- João de Barros (1952), “Portugal na História”, *Portugal Maravilhoso* 1. Lisboa, Edições Universo.
- J. M. Blázquez (1983), *Religiones Prerromanas in Primitivas Religiones Ibericas*, Tomo II. Madrid, Ediciones Cristiandad.
- Maria Helena da Cruz Coelho (1986), “Vataça: uma dona na vida e na morte”, separata da Revista da *FLHP* 3, 3ª série.
- José d’Encarnação (1975), *Divindades Indígenas sob o domínio romano em Portugal*. Lisboa, IN-CM.
- Fernandes Hermenegildo (1986), “Uma Cidade no Imaginário Medieval. Lisboa muçulmana nas descrições de Idrisi e de Ranulfo de Granville”, separata de *Estudos Medievais* 7. Porto.
- Henry Pirenne (1977), *As cidades da Idade Média*. Mem Martins, Europa-América, Col. Saber.
- Carlos Guardado da Silva (2004), *Lisboa medieval: a organização e a estruturação do espaço urbano*. Lisboa, ULFL.
- Lina Soares (2005), *Foral Antigo de Santarém, Edição Crítica e Estudo*. Lisboa, Colibri.

WEBGRAFIA

- www.descargas.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras.pdf, Biblioteca Real, *Libro primero de los Anales de España reducidos a Epítome*: Túbal, o primeiro monarca de Espanha; Gargoris II, monarca 24º de Espanha, avô de Abides (1188 a.c.)
- <http://groups.msn.com/HISPANIADEORVM/nabia.msnw>.
- www.ipa.min-cultura.pt/pubs/TA/folder/26/017.pdf.